Ensaio

AS IDEIAS NÃO CORRESPONDEM AOS FATOS: LUZES SOBRE A IDADE MÉDIA

Por Bruno Gonçalves Álvaro e Rafael Costa Prata

"A rica escola medieval francesa, apesar de seus sucessos científicos, parece não ter mudado nada nos meios de comunicação e nas ideias transmitidas. Às vezes me sinto desencorajado ao reencontrar intactos os dois clichês vindos dos séculos XVIII e XIX: de um lado a Idade Média obscurantista e, como contraste, a Idade Média "dos trovadores", suave. Jacques Le Goff, 2003 [2005].

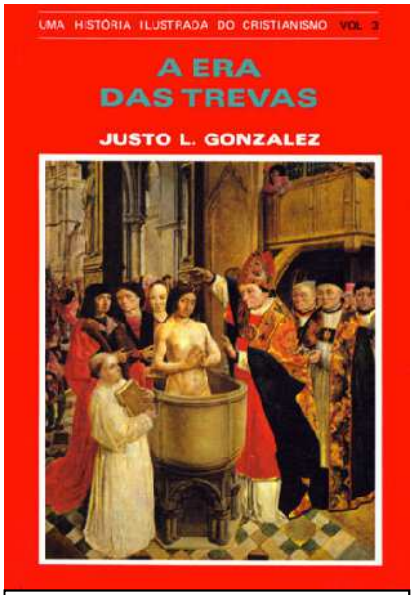
Não é novidade que a Idade Média, período comumente conhecido como o intermédio entre a Antiguidade e a Modernidade, é uma parte da história da humanidade que desperta repulsa ou admiração. Curiosidade ou desprezo.

Seja a utilização negativa de termos e expressões como "isso é muito medieval...", "essa política feudal em que nos encontramos..." no linguajar corriqueiro, ou a construção heroica e romântica dos cavaleiros em reluzentes armaduras figurando nas telas de cinema, fica evidente que este período histórico está continuamente em pauta.

A dualidade que se coloca, acreditamos, jamais se encerrará: A Idade Média sombria construída pelo chamado *Renascimento* e perpetuada pelo *Iluminismo* é tão prejudicial quanto àquele Medievo fantasioso do *Romantismo* do século XIX.

A epígrafe que inicia este breve ensaio foi retirada do livro *Em busca da Idade Média*,[16] fruto de uma série de conversas entre Jacques Le Goff e Jean-Maurice de Montremy, o mesmo foi lançado originalmente na França no ano de 2003 e traduzido para nossa língua em 2005, ainda hoje, apesar de quase 10 anos, o que foi vaticinado pelo reconhecido medievalista continua sendo uma imagem recorrente, inclusive, na imprensa do nosso país.

Frente a isso, inspirados a partir de uma crônica do jornalista e cineasta brasileiro Arnaldo Jabor, publicada em julho de 2012, decidimos expor como, ainda hoje, mesmo, em tese, as mais bem informadas



Capa do livro de Justo L. Gonzalez

[16] LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

personalidades do Brasil juntamente com aqueles que produzem informação e formações de opiniões nos veículos midiáticos continuam a reproduzir ideias que já há muito tempo não correspondem aos fatos.

Antes de qualquer coisa, cabe ressaltar que não se trata de uma crítica aos autores que porventura aqui citaremos, tampouco, uma busca por um academicismo utópico que ignora as reais lacunas entre o que é produzido em termos de pesquisa nas Humanidades e o que efetivamente chega à população. Até porque é evidente que o tema reside em questões mais profundas e delicadas como, por exemplo, nos perguntarmos onde reside o problema ao fato de que, apesar de quase um século de Estudos Medievais desprendidos das duas faces que colocamos inicialmente – a obscura e a dourada – ainda hoje, nos parece, que, ao menos, por nossa experiência docente, o trabalho de desconstruir a famosa Idade das Trevas é tão constante quanto desmitificar o Medievo fantasioso. Porém, neste texto, em especial, focaremos apenas na representação equivocada de Idade Média como momento de regresso da humanidade e o *moto-contínuo* que é a sua utilização para exemplificar as mazelas gerais pelas quais passa a contemporaneidade.

Sempre o mais do mesmo: A Idade Média ontem e hoje

O tema em questão não é novidade para pesquisadores de História Medieval nem para estudantes de graduação em História nos seus primeiros passos do curso. É comum o docente, principalmente se especialista na área, iniciar seus encontros discutindo a trajetória historiográfica da pesquisa acadêmica sobre o período medieval. É fundamental lançar bases aos futuros professores para, deste modo, iniciar as reflexões temáticas mais gerais, como *Império Carolíngio*, *Papado Medieval*, *Cruzadas*, etc.

Atualmente, não faltam manuais de qualidade, traduzidos ou mesmo redigidos em português, no auxílio de mestres e estudantes – sejam aqueles interessados por enveredar na especialidade ou mesmo conhecer um pouco mais o tema.[17]

Diante do volume editorial dedicado ao período,[18] não seria considerável questionar por que ainda nos deparamos muito mais no nosso dia a dia com as duas faces estereotipadas da Idade Média do que com os esforços por sua desconstrução?

Vejamos dois exemplos significativos, colhidos na Internet, do uso do período medieval como metáfora para uma crítica a que se tem chamado de regresso da sociedade contemporânea: O primeiro deles, escrito pelo já citado jornalista Arnaldo Jabor e, por fim, o recente "Manifesto em Defesa da Civilização",[19] um abaixo-assinado reproduzido pela publicação eletrônica multimídia Carta Maior e alojado no site Petição Pública.[20]

"*O tempo atual é Renascença ou Idade Média?*". Com esta indagação Arnaldo Jabor iniciou seu texto

[17] Podemos citar, entre outros: BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006; LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2005; ____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP; São Paulo, SP: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v.; FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006, entre outros, inclusive, abordando, também, a Idade Média Oriental.

[18] Não estamos levando em consideração aqui a qualidade dos trabalhos. Mas, não podemos ignorar que, atualmente, em qualquer prateleira de lojas e livrarias há, no mínimo, um livro, acadêmico ou não, que verse sobre o tema Idade Média. Sem contar, as inúmeras produções cinematográficas que não de hoje lotam as salas de cinema. Atualmente, é possível verificar, inclusive, um novo nicho mercadológico: as séries de TV.

[19] Abaixo-assinado MANIFESTO EM DEFESA DA CIVILIZAÇÃO. Disponível em: <http://www.peticaopublica.com.br/?pi=P2012N30206>. Acesso em: 19 de out. 2012, 22:45.

[20] <http://www.peticaopublica.com.br>. Acesso em: 19 de out. 2012, 22:45.

publicado em sua coluna no Site do Estadão, no dia 17 de Julho de 2012.[21]

Em sua reflexão, intitulada *As ideias não correspondem mais aos fatos*, ele procurou apontar quais seriam as características principais do atual cenário político brasileiro e, de maneira geral, também o sul-americano. O conhecido colunista sacramentou que no atual quadro é tão difícil visualizar algo positivo, a paisagem é tão assoladora que ela imediatamente nos coloca diante de um suposto dilema: Estamos diante de uma *"Renascença ou Idade Média, progresso ou regresso?"*.[22]

Segundo ele sua *"angústia filosófica"* se manifestava daquela maneira porque, em sua percepção, cada vez se torna evidente que dentro do cenário político *"a barbárie das coisas invadiu o mundo dos homens"*.[23]

Fica claro que o recurso utilizado por Jabor para caracterizar, ou melhor, para descaracterizar o conturbado cenário político atual, foi o de recorrer a já costumeira metáfora incidente sobre a Idade Média, talvez, por entender que, com essa atitude comparativa, se tornaria mais fácil para o público leitor, compreender com perfeição a "profundidade" de sua crítica.

Como ressaltamos no início, não é nenhuma novidade associar a Idade Média a ideia de um período marcado por um notável regresso intelectual. Em contrapartida, o período posterior, a Renascença, ficou caracterizado como o momento de advento das luzes, do progresso e do resgate do ideal da Antiguidade Clássica. Entretanto, esta dualidade, por nós já frisada, não é algo de ordem tão recente, de modo que não deve ser creditado com exclusividade a colunistas que, como Arnaldo Jabor, se utilizam dessa recorrente "analogia" principalmente quando procuram denegrir alguma estrutura contemporânea, seja ela referente ao quadro político, econômico, social, e em outros casos até religioso.[24]

Mais recentemente, o site Carta Maior, reproduziu na íntegra o texto de uma petição pública, intitulada *Manifesto em Defesa da Civilização*, e que, segundo, informação da publicação multimídia, foi elaborado *"por um grupo de economistas formados pela Unicamp"*.[25]

No texto da petição, elaborado, segundo nos parece, como uma crítica a atual situação da economia global, os autores relatam a situação caótica na qual está envolta, praticamente, toda a Europa e, ainda, os EUA. Parte do texto sacramenta a dura realidade econômica atual:

> Em toda zona do euro cresce a prática medieval de anonimamente abandonar bebês dentro de caixas nas portas de hospitais e igrejas. A Inglaterra do Lord Beveridge, um dos inspiradores do Welfare State, vem cortando recorrentemente alguns serviços especializados para idosos e doentes terminais. Cortes substantivos no valor das aposentadorias e pensões constituem uma realidade cada vez mais presente para muitos integrantes da chamada comunidade europeia. Por toda a Europa, museus, teatros, bibliotecas e universidades públicas sofrem cortes sistemáticos em seus orçamentos. Em muitas empresas e órgãos públicos é cada vez mais comum a prática de trabalhar sem receber. Ainda oficialmente empregado é possível,

[21] JABOR, Arnaldo. As ideias não correspondem mais aos fatos. *ESTADÃO.COM.BR*, São Paulo, 17 de jul. 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,as-ideias-nao-correspondem-mais-aos-fatos-,901284,0.htm>. Acesso em: 19 de out. 2012, 22:51.
[22] Idem.
[23] Idem.
[24] Sobre isso ver, entre outros, GUERREAU, Alain. *El futuro de un pasado: La Edad Media en el siglo XXI*. Barcelona: Crítica, 2002.
[25] DA REDAÇÃO. Economistas da Unicamp lançam Manifesto em Defesa da Civilização, *Carta Maior*, São Paulo, 19 de out. 2012. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=21110&fb_source=message>. Acesso em: 19 de out. 2012, 23:19.

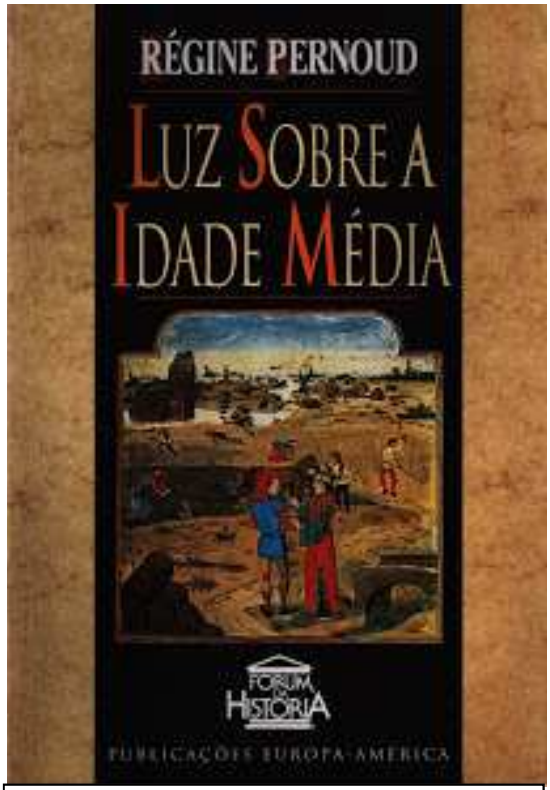
ao menos, manter a esperança de um dia ter seus vencimentos efetivamente pagos. Em pior situação está o desempregado. Grande parte deles são jovens altamente qualificados.[26]

É curioso observarmos que diante da atual conjuntura, principalmente, da Europa, renasce constantemente a célebre máxima de comparar o atual contexto com os tempos "medievais", principalmente, a partir dos escritos deixados pelos "heroicos combatentes" revolucionários que no famoso decreto de 11 de Agosto de 1789, afirmou *"A Assembleia Nacional destruiu completamente o regime feudal"*.[27]

Em contrapartida, ressurge, também, nos países europeus ou mesmo a léguas de distância, como nos EUA, discursos que exaltam, por exemplo, uma unificação Europeia aos moldes do que foi a Cristandade nos tempos medievais para a defesa de um inimigo externo[28] ou, como pudemos testemunhar na "Cruzada" convocada por George W. Bush logo após os ataques de 11 de setembro de 2001.

Ainda em referência ao texto, sem dúvidas pertinente, reproduzido pela Carta Maior, é possível ler já no seu parágrafo final: *"A civilização precisa ser defendida! As promessas da modernidade ainda não foram entregues"*.[29] É interessante a proximidade, ao menos nesse ponto, entre a tal "angústia" de Arnaldo Jabor e a convocatória de luta pela tomada das promessas da modernidade que ainda não estão em nossas mãos.

Parece-nos que mesmo após todo o século XX, tanto para Jabor como para estes que redigiram tal manifesto, a despeito aqui dos seus objetivos finais e dos temas especificamente abordados, suas percepções certamente se aproximam ideologicamente, no que tange ao objetivo pragmático de sua utilização, aos criadores do "rotulo" do Medievo como um espaço cronológico onde reinou a anarquia social, cultural, política e econômica. No entanto, como sabemos, suas origens devem, ser procuradas em um passado longínquo: primeiramente nas penas dos humanistas do século XIV e XV e, a partir deste passo inicial, atingir posteriormente, com mais intensidade e reflexo, os escritos dos iluministas no século XVIII.[30]



Capa do livro de Régine Pernoud

Não foram poucos os que se empenharam a esse favor. Um exemplo paradigmático, de tantos que poderiam ser citados, é o caso do filósofo iluminista Voltaire (1694-1778), que enxergava o Medievo como

[26] Idem. Ressaltamos que o texto do abaixo-assinado também pode ser lido em: <http://www.peticaopublica.com.br/?pi=P2012N30206>, conforme nota 6, deste artigo.
[27] BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 12.
[28] Como não relembrar do anúncio de TV produzido pela União Europeia no qual uma mulher branca, vestida com um uniforme composto pelas cores da EU (azul e amarelo) é cercada e ameaçada por lutadores de artes marciais típicas de países componentes do chamado BRICs (no qual se inclui o Brasil)?
[29] DA REDAÇÃO, op. cit.
[30] Ver: RIU, Manuel. ¿Qué es la Edad Media?. In: ____. *La Alta Edad Media (Del siglo V al siglo XII)*. Barcelona: Montesinos, 1989. p. 9-25.

um período marcado predominantemente pelo domínio implacável da Igreja sobre os homens, impedindo-os de seguirem sua marcha natural evolutiva, de forma que aquele período deveria ser esquecido e, principalmente, superado em todas as suas estruturas.

Hoje, entretanto, admite-se, que esta construção sobre a Idade Média é resultado imediato de um interesse ideológico, uma realidade superada que não pode ser de forma alguma tomada como um referencial para compreender a complexa realidade histórica do momento em questão, de modo que, em virtude destas problemáticas, já tem sido feito há um longo tempo um trabalho de desconstrução empreendido por especialistas no assunto, a fim de conferir novas luzes ao Medievo, possibilitando ao período um quadro mais coerente, equilibrado e diferente do que as luzes do século XVIII refletiram nele.[31]

Contudo, em nossa opinião, não é apenas a Idade Média que carece da boa vontade da imprensa ou mesmo dos muitos formadores de opiniões, que têm surgido na busca por conhecer aquilo que tem sido produzido sobre o assunto, amparados pelo advento da Internet e de suas redes sociais. O próprio Iluminismo sofre com generalizações que acabam por descaracterizá-lo. Sobre isso ressalta Tzvetan Todorov:

> Não é fácil dizer em que consiste exatamente o projeto das Luzes e isso por duas razões. Primeiro, as Luzes são uma época de conclusão, de recapitulação, de síntese – e não de inovação radical. As grandes ideias das Luzes não tem origem no século XVIII; quando elas não vêm da Antiguidade, trazem os traços da Idade Média, do Renascimento e da época Clássica. As Luzes absorvem e articulam opiniões que, no passado, estavam em conflito. É por isso que os historiadores quase sempre observaram que é preciso dissipar algumas imagens convencionais.[32]

A essa altura fica claro que, seja Arnaldo Jabor ou os economistas preocupados com a crise econômica e seus impactos no mundo, o que subjaz é um desconhecimento – intencional ou não – dos recentes (velhos) avanços que a historiografia dedicada a Idade Média tem alcançado e aqui nos resta o incômodo questionamento que pode vir à tona ao mais atento leitor: Mas, de quem é a culpa?

Conclusões

Ora, não se trata de culpar os *renascentistas*, os iluministas, tampouco, os românticos do século XIX, como Walter Scott ou Victor Hugo. Não deve pesar sobre estes ou aqueles o egocentrismo dos historiadores cerrados em suas salas de aulas e escritórios e que se esquecem do principal: o diálogo. Ao contrário, essas duas principais faces da Idade Média devem ser constantemente motivo de interesse dos especialistas e objeto diário no esforço de diminuir a lacuna entre os resultados das nossas pesquisas e o cotidiano que nos cerca. E isso é trabalho do historiador atuante e consciente de que o estudo da Idade Média (ou de todo e qualquer período do passado) não trará soluções para o tempo presente, mas, certamente, contribuirá um pouco mais para sua compreensão.[33]

Trata-se na verdade de observar o período medieval sob um prisma mais objetivo em suas especificidades, que visa não compactuar seja com um olhar demasiadamente negativo, ou de outro modo lúdico,

[31] Ver sobre isso: AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP; São Paulo, SP: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v. V. 1. p. 537-551.

[32] TODOROV, Tzvetan. *O Espírito das Luzes*. São Paulo: Barcarolla, 2008. p. 13.

[33] Conforme afirma Jacques Le Goff: *"A Idade Média certamente não me trouxe soluções para o tempo presente. Em compensação, ela trabalhou em mim tanto quanto eu trabalhei nela – e trabalhou em mim como homem militante tanto no século XX como agora no XXI. Para adaptar uma fórmula de Stanislas Fumet, há uma história da Idade Média em minha vida, nas "dádivas" que a história faz ao historiador. A história me empurrou para a ação."* LE GOFF, op. cit., p. 19.

renunciando, em todo caso, a proselitismos de qualquer ordem.

Como afirma a medievalista brasileira Néri de Barros Almeida:

A Europa econômica se tornou realidade no início do século XXI e tende a se impor como modelo de relações políticas, culturais e sociais. Os fundamentos desta Europa unificada economicamente, no entanto, são buscados com grande insistência nos domínios da política e da cultura. Há os que protestam uma Europa ancestral nascida da Antiguidade ou na Idade Média, outros, afirmam que cabe à Europa atual debelar os males do nacionalismo que por duas vezes ameaçaram boa parte dos países da região. Neste panorama a Idade Média se torna muitas vezes terreno de argumentação e debate. Afinal, a assim chamada Idade das Trevas, se tornou, pelo "obscurecimento" que a fama lhe legou, capaz de mimetizar paisagens contemporâneas. Dessa forma pode ser tomada como o terreno de nascimento dessa Europa cultural, ou das especificidades "étnicas" que engendram as realidades nacionais e seus conflitos sangrentos. Problemas estes, latentes na historiografia dos séculos XIX e XX. Essas apropriações e interpretações da Idade Média, grassam como verdadeiras, naturalizadas no senso comum formado pelo ensino tradicional.[34]

Como salientamos e como demonstrado por Almeida, a Idade Média está efetivamente em pauta, cabe, desta forma, aos historiadores se debruçarem não somente nos temas que a envolve, mas, também, no seu passado e presente historiográficos. Isso é fundamental para o ofício do historiador.

De maneira conclusiva, como afirmou Arnaldo Jabor, *"a rapidez do mundo atual, para o bem ou para o mal, nos deixa para trás. Vivemos uma modernidade veloz e falamos discursos antigos. As ideias não correspondem mais aos fatos (...)"* e isso se aplica, sem dúvidas, àqueles que ainda vislumbram a Idade Média como um período tenebroso ou de sóis resplandecentes em armaduras cavalheirescas, quando, no fim, o que nos resta é, finalmente, aceitar que os homens e mulheres que viveram no Medievo foram, simplesmente, humanos, demasiado humanos e uma das muitas similitudes que poderíamos encontrar entre eles e nós é a de depositar em um passado longínquo, e que sempre nos escapa, a metáfora do desespero. Porém, hoje nós sabemos que isso é atribuir à História um tribunal que não lhe pertence e isso nós não devemos deixar escapar, pois, como um dia afirmou um dos mais importantes medievalistas do século passado: *"A história continua"*.[35]

Bruno Gonçalves Álvaro: Professor Assistente II de História Antiga e Medieval do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Graduado em História pelas Faculdades Integradas Simonsen. Mestre e doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste).

Rafael Costa Prata: Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. Monitor da disciplina História Medieval I e integrante do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste).

[34] ALMEIDA, Néri de Barros. Apresentação. In: ____. (Org.). *A Idade Média entre os séculos XIX e XX: Estudos de Historiografia*. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. p. 7-9. p. 7.

[35] DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Editora UFRJ, 1993. p. 158.